

# A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUAS

Carly Silva

## 1. Introdução

A concepção da lingüística aplicada hoje dominante no campo do ensino de línguas (1) difere profundamente da que foi adotada na fase inicial das discussões no tocante ao papel da lingüística na área pedagógica. Naquela época, a lingüística aplicada era encarada como aplicação, direta ou indireta, de contribuições da lingüística teórica e descritiva para fins pedagógicos. Mais recentemente, a partir da década de 70, vem-se observando uma tendência geral no sentido do alargamento do âmbito e da revisão do papel da lingüística aplicada, agora caracterizada, em termos gerais, como síntese das contribuições das disciplinas relevantes para o ensino de línguas. Essa nova visão de lingüística aplicada assumiu diversas formas, cabendo destacar as formulações segundo as quais a disciplina seria o ramo teórico da pedagogia do ensino de línguas, uma área de investigação mediadora entre a teoria e a prática do ensino de línguas e o campo de estudo de todos os aspectos do processo de ensino/aprendizagem de línguas. Não obstante essa diversidade de posições, entretando, prevalece o entendimento de que a área da lingüística aplicada constitui campo interdisciplinar autônomo.

É nosso propósito examinar, nesta oportunidade, as razões da mudança de perspectiva ocorrida na área e suas implicações no campo do ensino de línguas.

## 2. A lingüística aplicada como aplicação de contribuições da lingüística

Na fase inicial, prevaleceu a crença de que a prática pedagógica deveria apoiar-se primordialmente na lingüística, cujas formulações assegurariam maior eficiência no ensino de línguas, desde que adequadamente aplicadas. Chomsky se insurgiu contra a idéia da presunção da relevância da lingüística no campo pedagógico, sustentando que caberia ao professor decidir, em cada caso, da aplicabilidade ou não de determinada contribuição da lingüística ao ensino. (2) Todavia, conforme pondera Stern (1983:180), a execução de tal tarefa “pressupõe um sólido conhecimento, raramente encontrado, tanto da lingüística quanto da pedagogia do ensino de línguas”. Diante dessa constatação, surge a idéia de um nível intermediário entre a lingüística teórica e a pedagogia, destinado a interpretar os resultados teóricos e descritivos, de modo a avaliar sua relevância para fins pedagógicos. Esse nível intermediário seria a lingüística aplicada.

Aceita essa concepção, passou-se a discutir o modelo a ser adotado e a forma de utilização das contribuições da lingüística. Quanto ao modelo, travaram-se acalorados debates em relação a diferentes propostas, com vistas à elaboração de uma gramática pedagógica adequada, à luz da convicção de que “o ensino precisa basear-se na melhor descrição possível da língua que está sendo ensinada”. (3) Quanto à forma, foi sugerida uma distinção entre “aplicações” e “implicações” (Spolsky, “Linguistics and language pedagogy: applications or implications?”, 1970) ou mesmo entre “insights”, “implicações” e “aplicações” (Wilkins, 1972: 217-225).

Conforme explica Stern (1983: 174), para Spolsky (1970), “as descrições feitas pelo lingüista podem ser “aplicadas” no sentido de fornecerem os dados necessários para a elaboração de gramáticas escolares, compêndios e dicionários, ao passo que as discussões iniciadas pela lingüística a respeito da natureza da linguagem podem sugerir novas idéias que, por sua vez, têm implicações para o ensino de línguas.” (4)

Wilkins, por sua vez, descreve a relação entre a lingüística e o ensino de línguas em termos das noções de “insight”, “implicação” e “aplicação”. “Insights” seriam “noções lingüísticas que aumentam nossa compreensão da natureza da linguagem e conseqüentemente da natureza da aprendizagem”; “implicações” seriam idéias a respeito da aprendizagem de línguas sugeridas pela psicolingüística; as “aplicações” diriam respeito a “casos em que noções e informações extraídas da lingüística atuam diretamente no processo do ensino de línguas”, entendendo o autor que as descrições feitas pelo lingüista servem de base para a preparação de materiais de ensino.

Vemos, assim, que, pelo menos no tocante à descrição da língua alvo, chegou-se a defender a idéia da aplicação direta de contribuições da lingüística no campo pedagógico.

Encarando a lingüística aplicada como aplicação de contribuições da lingüística no ensino de línguas, sustentou o lingüista britânico Pit Corder, em sua conhecida obra *Introducing Applied Linguistics* (1973: 10), que a lingüística aplicada era uma “atividade”, não um “estudo teórico”, sendo o especialista na área “um consumidor ou usuário, e não um produtor de teorias”, razão pela qual não poderia haver uma “teoria do ensino de línguas”. No mesmo sentido manifestou-se o autor, em duas outras oportunidades, ao definir a lingüística aplicada como

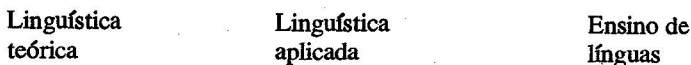
“a utilização de conhecimentos relativos à natureza da linguagem, resultantes da pesquisa lingüística, na melhoria da eficiência de alguma tarefa prática na qual a linguagem seja componente central.” (“Problems and solutions in applied linguistics”, 1974: 5, *apud* Van Els et alii, 1984: 7)

e como

“conjunto de atividades ou técnicas relacionadas, mediadoras entre as várias explicações teóricas da natureza da linguagem, de um lado, e as atividades práticas do ensino de línguas, do outro.” (1975; in Kaplan; 1980: 8).

Ao mesmo tempo, sustentou Pit Corder (1973: 143) que a relevância da lingüística teórica para o ensino de línguas seria indireta, (5) não cabendo ao lingüista teórico manifestar-se sobre o assunto. A referida tarefa caberia à lingüística aplicada.

A concepção de lingüística aplicada adotada nessa fase inicial implica um relacionamento unidirecional entre a lingüística teórica e o ensino de línguas e a subordinação do professor ao lingüista, situação que poderia ser representada no seguinte diagrama:



Além de colocar em segundo plano o papel de outras disciplinas no ensino, tal concepção geralmente envolve a idéia de que a elaboração de uma gramática pedagógica de base lingüística é tarefa prioritária, quando, na realidade, o problema fundamental no tocante ao sistema gramatical é o que Pit Corder chama de “pedagogia da gramática”, ou seja, a questão de como ensinar o sistema gramatical ou levar o aluno a aprendê-lo indutivamente, ficando em aberto a questão da utilização ou não de uma gramática pedagógica nesse processo. E poderíamos ir ainda mais longe, sustentando que a “pedagogia da gramática” se insere no contexto mais amplo da aprendizagem/aquisição da língua como sistema de comunicação e instrumento de interação social, enfoque hoje largamente adotado. Por outro lado, a situação de instabilidade e incerteza decorrente das constantes reformulações dos modelos lingüísticos tornava particularmente difícil saber que ensinamentos da lingüística aplicar no campo pedagógico. Por todos esses motivos, muito embora a lingüística aplicada ainda seja freqüentemente vista como aplicação de conhecimentos, métodos e ensinamentos da lingüística (cf., por exemplo, Crystal, 1980: 28; Richard et alii, 1985: VI), nova concepção da disciplina veio a prevalecer no campo do ensino de línguas: a visão da lingüística aplicada como síntese das contribuições das disciplinas relevantes para o ensino de línguas.

### 3. A lingüística aplicada como síntese das contribuições das disciplinas relevantes para o ensino de línguas

Conforme já tivemos oportunidade de assinalar, essa nova visão da lingüística aplicada assumiu diversas formas. Cabe ressaltar, por outro lado, que não há acordo entre os estudiosos em relação ao elenco das disciplinas relevantes, pois Strevens (1977: 38) menciona a lingüística, a psicologia, a neurofisiologia, a teoria da informação, as ciências sociais (especialmente a sociologia e a antropologia), a educação, a filosofia, a lógica e a metodologia científica; Stern (1983: 44) cita a história do ensino de línguas, a lingüística, a sociologia, a sociolingüística e a antropologia, a psicologia e a psicolingüística e a teoria educacional; Van Els et alii (1984: 127, 139) se referem à lingüística, à psicologia, à sociologia, à pedagogia e à educação; e Richards et alii (1985: 15) mencionam a lingüística, a sociologia, a psicologia, a antropologia e a teoria da informação. Ao mesmo tempo, entretanto, essas diversas posições muito têm em comum, pois à luz de todas elas a lingüística aplicada:

- a) deixa de ser encarada como nível intermediário entre a lingüística teórica e o ensino e assume caráter interdisciplinar, passando a interessar-se pelo estudo das relações entre todas as disciplinas relevantes e a prática pedagógica;
- b) passa a constituir uma área autônoma, com modelos próprios, analisando as contribuições da lingüística e de outras disciplinas à luz de critérios próprios e formulando suas próprias teorias, ao invés de simplesmente absorver ensinamentos de outras áreas.

Em decorrência dessa profunda reformulação do conceito de lingüística aplicada, passa-se a postular um relacionamento bidirecional, um processo de interação, entre a teoria e a prática do ensino de línguas, bem como a necessidade de uma teoria do ensino de línguas, como pressuposto essencial de qualquer discussão séria na área. Continua a haver muita resistência de lingüistas teóricos a essa nova visão, em parte por culpa dos próprios especialistas em lingüística aplicada, que, segundo Carol Sanders (1987: 201),

“perpetuaram a idéia de uma aplicação unidirecional da teoria e também, de modo geral, mostraram-se mais preocupados em realizar projetos de pesquisa em pequena escala que em procurar estabelecer um esquema epistemológico para a pesquisa em lingüística aplicada, em geral”.

De qualquer modo, temos hoje uma situação bem mais promissora, pois, no dizer de Lyons (1987: 5),

“Os tempos mudaram, e a relação entre a lingüística teórica e a aplicada talvez seja mais saudável agora. Cada uma contribui para o desenvolvimento da outra e, em sentido mais amplo, para melhor compreensão da natureza da linguagem e do papel que ela desempenha na vida humana como principal instrumento de cognição e comunicação.”

Cada um dos aspectos da nova visão da área merecerá exame mais detido, mas antes cabe ressaltar a inadequação do termo *lingüística aplicada* para designar a disciplina à luz da nova concepção. Com efeito, agora o referido campo de estudos envolve mais que a simples aplicação de teorias e, por outro lado, diversas outras disciplinas, além da lingüística, nele desempenham papel fundamental. É verdade que a lingüística aplicada trata da “aplicação dos resultados de estudos teóricos a problemas práticos”, conforme formulação adotada nas diretrizes da revista *Applied Linguistics* (publicada pela Oxford University Press) e tem em vista “uma combinação de pesquisa lingüística teórica e sua aplicação prática no ensino de línguas”, segundo a definição adotada na IRAL (*International Review of Applied Linguistics to Language Teaching*, publicada em Heidelberg e distribuída pela Oxford University Press), mas, ao mesmo tempo, ela pode ser caracterizada como disciplina que utiliza informações das áreas relevantes “para elaborar seus próprios modelos teóricos da linguagem e seu uso, e depois emprega essas informações e formulações teóricas em aplicações práticas” (Richards et alii, 1985: 15). De qualquer modo, obser-

va-se uma tendência geral no sentido da manutenção do termo 'lingüística aplicada', não tendo tido aceitação significativa propostas de adoção de outros termos, como 'lingüística educacional', formuladas por autores como Spolsky (in Kaplan, 1980: 66-73) e Stern (1983: 44, 50).

Vejamos agora, mais detidamente, os traços mais importantes da concepção de lingüística aplicada hoje dominante no campo do ensino de línguas, no contexto das três vertentes principais mencionadas no início deste artigo.

#### 4. A lingüística aplicada como suporte teórico do ensino de línguas

A caracterização da lingüística aplicada como suporte teórico do ensino de línguas, como "ramo teórico da pedagogia do ensino de línguas", proposta por Widdowson (1979: 234), enfatiza um aspecto importante da nova concepção de lingüística aplicada: o entendimento de que cabe a esse campo interdisciplinar elaborar formulações teóricas próprias. Rejeita-se, assim, a visão de Pit Corder, a que já fizemos referência, da lingüística aplicada como mera atividade e do especialista na área como simples consumidor ou usuário de formulações alheias. Sustentando essa posição, afirma Widdowson (1979: 243) que a lingüística aplicada não deve depender de contribuições ocasionais da lingüística, mas elaborar "um modelo coerente de descrição lingüística que seja relevante para o ensino de línguas". As contribuições da lingüística seriam analisadas à luz desse "modelo de lingüística aplicada independentemente motivado".

Reiterando esse entendimento em outra oportunidade (1984: 7), afirmou Widdowson que a principal tarefa da lingüística aplicada "deve consistir em estabelecer os conceitos ou modelos adequados da língua no domínio pedagógico, sem prejudicar a questão supondo que um modelo lingüístico relevante deva derivar inevitavelmente de um modelo formal de descrição lingüística num sentido técnico". Widdowson vai ainda mais longe, sustentando que o modelo do lingüista é, por natureza, inadequado para fins pedagógicos. Segundo o autor (1979: 243), o modelo pedagógico deve incorporar o conceito de linguagem do usuário da língua e não a visão 'imparcial' do analista; deve estar voltado para o participante e não para o observador. Insistindo na tese de que, em matéria de linguagem, a descrição do analista e a vivência do usuário são necessariamente diferentes, Widdowson (1984: 20) relaciona essa diferença ao problema geral nas ciências sociais, na descrição do comportamento humano, entre as abordagens voltadas para o observador e aquelas voltadas para o participante. No domínio pedagógico, tal distinção corresponderia à diferença entre abordagens centradas no professor e abordagens centradas no aluno. Segundo o autor, um modelo de lingüística aplicada que leve o usuário em consideração estará, naturalmente, voltado para o participante e fornecerá a base para uma metodologia centrada no aluno. "Uma das conseqüências de aceitar o modelo do analista é que ele logicamente leva a uma pedagogia participativa, centrada no aluno". As considerações de Widdowson a respeito do modelo adequado para fins pedagógicos envolvem outro aspecto fundamental da nova concepção da lingüística aplicada: a autonomia desse campo de estudos. (6) Conforme assinala Stern (1983: 177), o processo de emancipação da lingüística aplicada ocorreu ao longo da década de 70, quando diversos estudiosos, ao invés de aguardar as contribuições dos lingüistas teóricos,

"passaram a usar seu próprio julgamento e iniciativa com vistas a dar à pedagogia do ensino de línguas a orientação que consideravam necessária... Conquanto não repudiassem uma análise lingüística formal, receberam de braços abertos o deslocamento de interesse da teoria lingüística para a análise do discurso, a semântica, a teoria dos atos da fala, a sociolingüística e a pragmática".

Essa visão mais semântica, social e comunicativa da linguagem se refletiu no movimento em favor de uma abordagem comunicativa do ensino de línguas.

Justificando a nova concepção do papel do especialista em lingüística aplicada, afirmou Widdowson (1979: 100):

"O especialista em lingüística aplicada nem sempre tem que esperar, ou mesmo pode es-

perar, que o lingüista lhe forneça algo para aplicar. Ele pode seguir seu próprio caminho na aplicação pedagógica uma vez que o lingüista teórico lhe tenha dado uma pista. Pode, mesmo, eventualmente, descobrir um rumo ou outro que o próprio lingüista teórico poderia explorar com proveito”.

No mesmo sentido se manifestam Van Els et alii (1984: 8), ao afirmarem que o trabalho do especialista em lingüística aplicada pode contribuir para o desenvolvimento da lingüística teórica, de vez que “a maneira pela qual o processo de aprendizagem da língua estrangeira pode ser influenciado pelo ensino, por exemplo, comumente lança nova luz sobre as teorias a respeito da estrutura, da aprendizagem e do uso da linguagem formuladas pelos lingüistas teóricos”.

Stern (1983: 46-47), por sua vez, postula um princípio geral de interação entre as disciplinas subjacentes e a prática pedagógica, em virtude do qual a iniciativa das formulações teóricas não cabe exclusivamente aos especialistas nas referidas disciplinas, mas também ao especialista em lingüística aplicada e ao próprio professor. Rejeita-se, assim, a tese da subordinação do especialista em lingüística aplicada ao lingüista teórico e do professor de línguas ao especialista em lingüística aplicada, passando-se a postular um relacionamento bidirecional entre os componentes do esquema geral do ensino de línguas (7).

### **5. A lingüística aplicada como nível intermediário entre a teoria e a prática do ensino de línguas**

Como campo de estudos de natureza mais ampla, a lingüística aplicada passa a dar a devida atenção a todas as disciplinas relevantes para o processo de ensino/aprendizagem de línguas, abandonando a idéia de que tal processo deva ser necessária e vantajosamente dominado pela lingüística. Assume, por conseguinte, conforme já foi assinalado, caráter interdisciplinar e multidisciplinar. Na visão de numerosos autores, deixa de ser uma ponte entre a lingüística e a prática pedagógica para tornar-se um nível intermediário entre a teoria e a prática do ensino de línguas. Nesse sentido, afirma Strevens (1977: 16-18) que, como “enfoque interdisciplinar”, a lingüística aplicada combina “as partes pertinentes das disciplinas relevantes em moldes adequados para estabelecer uma ponte entre os aspectos teóricos e práticos”. Na mesma ordem de idéias, Stern (1983: 50), caracteriza a lingüística aplicada (lingüística educacional, na terminologia usada pelo autor), como “disciplina mediadora e síntese interdisciplinar” das contribuições dos estudos dos campos pertinentes. Esse interesse primordial pela relação entre a teoria e a prática é também enfatizado na definição de objetivos da revista *Applied Linguistics*, que tem em vista oferecer aos interessados uma visão clara e fundamentada de como “a lingüística aplicada atua como área de investigação mediadora entre os domínios teórico e prático dos estudos lingüísticos”. Por sua vez, Broughton et alii (1980: 215) vêem a disciplina como “o estudo da relação entre as disciplinas teóricas da linguagem e as disciplinas afins, por um lado, e seus problemas políticos, por outro.

### **6. A lingüística aplicada como campo de estudo de todo o processo de ensino/aprendizagem de línguas**

A terceira versão da concepção de lingüística aplicada hoje dominante é sobremodo abrangente – e, poderíamos mesmos dizer, imperialista – pois importa em considerar a disciplina como campo de estudo de todos os aspectos do processo de ensino/aprendizagem de línguas. À luz desse entendimento, ao invés de atuar como mediadora entre a teoria e a prática ou tão somente fornecer o suporte teórico para a prática pedagógica, a lingüística aplicada incorporaria grande parte das disciplinas relevantes, bem como a metodologia e a prática do ensino de línguas.

Tal orientação se reflete, antes de mais nada, na idéia – bastante difundida, conforme assinala Crystal (1981: 1) – de que a lingüística aplicada corresponde ao “estudo científico dos prin-

cípios e práticas do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras”. E – o que é mais importante – vem ganhando terreno ultimamente entre os estudiosos, conforme demonstram numerosas obras recentes, quer de cunho teórico mais acentuado, quer voltadas primordialmente para a prática pedagógica. Assim é que Van Els et alii (1984), focalizando a lingüística aplicada como “estudo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras” (p. 139), dedicam capítulos às diferentes abordagens do ensino de línguas, à análise contrastiva e à análise de erros, à análise do desempenho e à análise do discurso, às características do aluno, ao papel das disciplinas relevantes, à história da metodologia do ensino de línguas, aos objetivos do ensino de línguas, à seleção e gradação do conteúdo do curso, aos procedimentos didáticos, à tecnologia do ensino de línguas, à seleção de compêndios e à avaliação de desempenho em línguas estrangeiras. Por sua vez, no *Longman Dictionary of Applied Linguistics* (1985: VI), Richards et alii, focalizando a lingüística aplicada em relação ao ensino e aprendizagem de línguas, (8) incluem no âmbito da disciplina as seguintes áreas de estudo:

- introdução à lingüística (incluindo fonologia, fonética, sintaxe, morfologia e semântica)
- a gramática da língua que está sendo estudada
- análise do discurso
- sociolingüística (incluindo a sociologia da linguagem e a competência comunicativa)
- psicolingüística (incluindo a aquisição da língua materna e de uma segunda língua, análise contrastiva, análise de erros e teorias da aprendizagem)
- o ensino da compreensão oral, expressão oral, leitura e expressão escrita
- a metodologia do ensino de línguas (incluindo métodos e organização de materiais didáticos e de cursos)
- a avaliação da aprendizagem de línguas e estatística básica.

A visão mais abrangente da lingüística aplicada é também adotada por Strevens, que, não obstante encarar a disciplina como ponte entre a teoria e a prática do ensino de línguas, conforme já vimos, sustenta que

“em relação à aprendizagem e ensino de línguas, a lingüística aplicada se define como tendo três componentes principais:

- 1) as disciplinas subjacentes;
- 2) técnicas de ensino;
- 3) recursos e equipamentos.” (1977: 39)

Comparando-se essas várias enumerações até mesmo com o índice de obras sobre prática de ensino – como, por exemplo, *The Practice of English Language Teaching*, de Jeremy Harmer (1983) – verifica-se, de imediato, a absorção de toda a problemática do ensino de línguas pela concepção mais abrangente da lingüística aplicada.

Em obras voltadas primordialmente para a metodologia também se observa uma tendência geral no sentido da adoção da concepção mais abrangente da lingüística aplicada no campo do ensino de línguas estrangeiras. Nessas obras – cabe ressaltar – a questão do método de ensino deixa de ser o principal foco de atenção, inserindo-se no contexto mais amplo do estudo de todos os fatores relevantes para a aprendizagem de línguas. Esse contexto corresponde à lingüística aplicada, conforme reconhecido por Richards & Rodgers (1986: 8), muito embora em alguns casos não haja referência expressa à disciplina (cf., por exemplo, Richards, 1985: 28, e Larsen-Freeman, 1986: VII-VIII).

Cabe, ainda, breve referência ao reconhecimento, nestes últimos anos, da necessidade de uma teoria do ensino de línguas, contrariamente à opinião expressa por Pit Corder em 1973. Nesse sentido, cabe indagar por que deveria haver uma teoria específica do ensino de línguas, e não uma teoria do ensino da matemática, da química, da história, da geografia, etc. Sem dúvida, o ensino de qualquer área envolve problemas metodológicos específicos, mas o ensino de línguas é a área que envolve maior número de indagações teóricas, a começar pela própria natureza do

conhecimento em causa e da possibilidade ou não de “ensiná-lo”. Essas questões fundamentais foram resumidas por Stern (1983: 516) nas seguintes indagações:

- 1) Que é a linguagem?
- 2) Que se deve entender por *aprendizagem de línguas*? (9)
- 3) Até que ponto o contexto social influi em nossa compreensão das línguas e do ensino de línguas?
- 4) Como deve ser interpretado o conceito de *ensino de línguas*?

Além disso, em comparação com o campo do ensino de línguas nenhum outro depende de informações de tantas áreas afins e de um exame conjunto de uma gama tão complexa de fatores relevantes. Assim sendo, uma visão adequada do processo de ensino/aprendizagem de línguas pressupõe um esquema ou modelo teórico abrangente, ou seja, uma teoria do ensino de línguas. Propostas nesse sentido foram formuladas por autores como Strevens (1977: 12-35), Kaplan (1980: 57-66) e Stern (1983: 43-45) e estão implícitas nos esquemas sugeridos por Richards e Larsen-Freeman – em obras já citadas – para um tratamento sistemático da metodologia do ensino de línguas. Mais recentemente, Spolsky (1989) formulou uma teoria geral da aprendizagem de uma segunda língua, em termos de um conjunto de 74 regras ou condições típicas ou categóricas e analisou as implicações de tal teoria para o ensino.

## 7. Conclusão

Cabe, finalmente, uma palavra a respeito das implicações da nova concepção de lingüística aplicada na formação de professores de línguas.

À primeira vista, poderia parecer que a visão da lingüística aplicada hoje dominante dificulta o relacionamento entre as áreas da lingüística, das línguas e da pedagogia, lançando mais lenha à fogueira das polêmicas que há muito tempo vêm perturbando esse relacionamento. Isso porque haveria, aparentemente, redução do papel ou do *status* da lingüística teórica, paralelamente à absorção da metodologia do ensino de línguas pela lingüística aplicada, sem falar no papel central que seria atribuído a esta última.

Esta conclusão pessimista só se justificaria, entretanto, se adotada a premissa de que a colaboração entre as três áreas pressupõe a demarcação prévia do âmbito de cada uma e um acordo em relação ao papel de cada uma, ao invés de se encarar o relacionamento como necessariamente fluido e dinâmico. Tampouco se impõe adotar, no Brasil, a orientação atualmente seguida em muitas universidades estrangeiras: a implantação de departamentos de lingüística aplicada, que assumiriam plena responsabilidade por todos os aspectos do processo de formação de professores de línguas. Como solução bem mais simples e imediata, temos a alternativa de promover a integração do ensino das três áreas através de uma programação conjunta baseada num esquema teórico abrangente, numa teoria do ensino de línguas, nos moldes das propostas já mencionadas. Tal integração poderá ser feita dentro da atual estrutura universitária (com Faculdades/Institutos de Letras e Faculdades de Educação) e independentemente do pluralismo de concepções que existe até mesmo dentro de cada área específica. Bastará, para êxito da iniciativa ou pelo menos para uma significativa melhoria da situação atual, que todos os participantes do programa conjunto se disponham a examinar, sem idéias preconcebidas, o papel de cada disciplina no esquema geral e passem a dar a devida atenção ao problema das inter-relações entre as diferentes disciplinas.

## NOTAS

1) Muitas das considerações feitas no presente trabalho dizem respeito especificamente ao ensino de línguas estrangeiras, área a que se dedica o autor. De modo geral, entretanto, as orientações analisadas e os esquemas teóricos formulados pelos autores citados aplicam-se também, *mutatis mutandis*, ao ensino da língua materna.

2) Nesse sentido, afirmou o autor (1971: 155):

“É possível – e mesmo provável – que princípios da psicologia e da lingüística, e resultados de pesquisas nessas disciplinas, possam ser úteis para o professor de línguas. Mas isso deve ser demonstrado, e não pode ser presumido. É o próprio professor que deve confirmar ou refutar qualquer proposta específica.”

3) Bernard Spolsky, “Linguistics and language pedagogy: applications or implications?”, 1970: 149 (*apud* Stern, 1983: 185).

4) Posteriormente (1978), Spolsky veio a rejeitar a idéia da aplicação direta da lingüística e, em trabalho mais recente (1989: 4), sustenta que mesmo uma teoria da aprendizagem de uma segunda língua tem implicações para o ensino, mas não é diretamente aplicável no campo pedagógico.

5) Reiterando esse entendimento, afirmou o autor em outra oportunidade (1975: 4) que a relação entre a lingüística teórica e as atividades da sala de aula consistiria “em certo número de processos ou procedimentos, cada um dos quais necessário para a solução de uma das partes componentes dos problemas de o que, quando e como ensinar – seleção, organização e apresentação”.

6) Essa autonomia é enfatizada por Van Els et alii (1984: 7.4.3).

7) Esse relacionamento é indicado por setas bidirecionais nos diagramas dos modelos propostos por Campbell (*in* Kaplan, 1980: 8), Ingram (*apud* Stern, 1983: 44, 181, 520) e Stern (1983: 44, 181, 520), bem como no modelo mais amplo proposto por Kaplan (1980: 58), referente às diversas áreas de atuação da lingüística aplicada. Krashen (*in* Kaplan, 1980: 13) também sustenta que a lingüística aplicada pode contribuir para a teórica.

8) Releva notar que no verbete *lingüística aplicada* (p. 15) os autores se referem à disciplina como campo de estudo do “ensino e aprendizagem de uma segunda língua ou língua estrangeira”.

9) No tocante a essa indagação cabe ressaltar a existência de diversas teorias a respeito da aprendizagem de línguas estrangeiras, ao passo que não existem teorias específicas em relação à aprendizagem da matemática, da geografia, etc.

## BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, J.P.B. & VAN BUREN. *Chomsky: Selected Readings*. Oxford, Oxford University Press, 1971.
- BROUGHTON, G. et alii. *Teaching English as a Foreign Language*. 2nd ed. London, Routledge & Kegan Paul, 1980.
- CHOMSKY, Noam. Paper read at the Northeast Conference on the Teaching of Foreign Languages, 1965. In: Allen & Van Buren, 1971.
- CORDER, S. Pit. *Introducing Applied Linguistics*. Harmondsworth, Penguin, 1973.
- CRYSTAL, David. *A First Dictionary of Linguistics and Phonetics*. London, Andre Deutsch, 1980.
- . *Directions in Applied Linguistics*. New York, Academic Press, 1981.



- HARMER, Jeremy. *The Practice of English Language Teaching*. London, Longman, 1983.
- KAPLAN, Robert B. (ed.). *On the Scope of Applied Linguistics*. Rowley, Massachusetts, Newbury House, 1980.
- KRASHEN, Stephen. In: Kaplan, 1980.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. *Techniques and Principles in Language Teaching*. Oxford, Oxford University Press, 1986.
- LITTLEWOOD, William. *Foreign and Second Language Learning*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
- LYONS, John et alii. *New Horizons in Linguistics – 2*. Harmondsworth, Penguin, 1987.
- MCLAUGHLIN, Barry. *Theories of Second-Language Learning*. London, Edward Arnold, 1987.
- RICHARDS, Jack C. *The Context of Language Teaching*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- RICHARDS, Jack et alii. *Longman Dictionary of Applied Linguistics*. London, Longman, 1985.
- RICHARDS, Jack C. & RODGERS, Theodore S. *Approaches and Methods in Language Teaching: A Description and Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- SANDERS, Carol S. *Applied Linguistics*. 1987. In: Lyons et alii, 1987.
- SPOLSKY, Bernard. "The Scope of Educational Linguistics". 1978. In: Kaplan, 1980. *Conditions for Second Language Learning*. Oxford, Oxford University Press, 1989.
- STERN, H.H. *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford, Oxford University Press, 1983.
- STREVENS, Peter. *New Orientations in the Teaching of English*. Oxford, Oxford University Press, 1977.
- VAN ELS, Theo et alii. *Applied Linguistics and the Learning and Teaching of Foreign Languages*. London, Edward Arnold, 1984.
- WIDDOWSON, H.G. *Explorations in Applied Linguistics*. Oxford, Oxford University Press, 1979. *Explorations in Applied Linguistics 2*. Oxford, Oxford University Press, 1984.
- WILKINS, D. *Linguistics in Language Teaching*. London, Edward Arnold, 1972.